Ivo Canelas: «Estamos mais envolvidos e organizados porque a Democracia está a ser atacada»

Paulo Jorge Pereira · 11.11.2026

POLÍTICA · CULTURA · SOCIEDADE

Ivo Canelas tem um percurso com dezenas de bons exemplos da sua Arte. À beira da estreia, no Teatro Variedades, com a peça Closer, fala sobre o trabalho desenvolvido, mas também acerca do país e do mundo à sua volta. Preocupado com a ascensão da extrema-direita, o Brasil serve-lhe de referência para dizer que, finalmente, a esquerda aprendeu a lidar com o algoritmo e despertou para a necessidade imperiosa da defesa da Democracia. Por cá, está solidário com as manifestações pela Habitação.

Com vasta experiência nos diferentes meios artísticos (teatro, cinema, televisão), Ivo Canelas tem um percurso com dezenas de bons exemplos da sua Arte. À beira da estreia, no Teatro Variedades, da peça *Closer*, fala sobre o trabalho desenvolvido, mas também acerca do país e do mundo à sua volta. Preocupado com a ascensão da extrema-direita, o Brasil serve-lhe de referência para dizer que, finalmente, a esquerda aprendeu a lidar com o algoritmo e despertou para a necessidade imperiosa da defesa da Democracia. Não acredita em mudanças na política de Israel para a Palestina, mas, muito identificado com a política norte-americana, sugere alguns nomes que lhe suscitam interesse, enquanto por cá sente falta de casos equivalentes e está solidário com as manifestações pelo direito à Habitação.

Falemos para já de *Closer*, a peça cuja estreia está aí: quando escolhe os seus trabalhos, escolhe também em função do que possam dizer à sociedade naquele momento? É isso que se passa com Closer?

Como ator, decido investir o meu tempo naquilo que me diga muito, especialmente em teatro. Porque teatro é muito exigente, com a sua repetição, com a sua geografia temporal, sempre àquela hora, vários dias por semana, no mesmo sítio. Há uma rotina que me interessa menos, sou menos flexível nela e, portanto, sei que é importante que os materiais, as equipas e as pessoas com quem trabalho sejam estimulantes. E interessam-me sempre muito estes materiais, como é o *Closer*, estes textos, sobre relações, sobre o que é que nós somos, o que é que nós somos com os outros, o que é que nós somos individualmente e o que é que nós somos em conjunto numa relação, seja ela de que natureza for. Mas em particular as relações amorosas, são sempre temáticas que me fascinam pela sua complexidade.

Vê as relações amorosas, e estamos a falar num plano geral, muito afetadas por aquilo que é o estado do mundo atual?

O ser humano, em particular, e as relações amorosas, em geral, com certeza que sim, e contra mim falo. Tivemos um momento muito desafiante, com uma comunicação imediata e constante em que estamos sempre ligados, aparentemente, a todos. Mas sinto-me/nos cada vez mais desligados de nós próprios e, consequentemente, dos outros à nossa volta. Estamos em constante ligação, mas com muita dificuldade.E aquilo que supostamente viria ou veio para nos simplificar as relações e os contactos e até trazer maior segurança, em especial para o sexo feminino, com toda esta história de que o algoritmo nos protegeria, porque saberíamos onde é que estamos e com o que é que vamos falar. De repente, nada disso é garantido e até se cria uma falácia maior, uma falsa segurança. Antes avisávamos alguém que tínhamos de estar com alguém; agora temos a sensação de parecer que conhecemos, mas andamos todos a pôr fotografias de gatos na Internet para parecermos mais amistosos. Isto lembra tudo um bocadinho aquelas plantas carnívoras com ar apetecível, mas que, se descontraímos um segundo, nos engolem de imediato.

Então, as mulheres estão muito mais ameaçadas na atualidade do que os homens?

Vejo-nos a todos ameaçados, a vários níveis. Tenho reparado como, nos anos mais recentes, nas paragens de autocarro, que sempre foi um sítio complexo para se estar sozinho, se não tivermos alguma curiosidade com o que se passa à nossa volta, de repente o telemóvel é muito útil nesses momentos. E vejo que os jovens estão envolvidos com os seus telemóveis, os de meia idade, como eu, já estão há muito tempo envolvidos e agora isso está a chegar à terceira idade, ou seja, segue exatamente o mesmo caminho a geração que tinha alguma capacidade de comunicar melhor. Agora parece-me ser a geração mais fragilizada porque o vício, a adrenalina, a dopamina que o objeto nos traz é brutal para todos. Em relação às mulheres, é mais uma questão física, é a ideia de poder haver uma falsa segurança que não existe.

> Neste universo da machosfera, não só as mulheres são vítimas, também nós, homens que não participamos dessa visão retrógrada, desinteressante, frágil, insegura de determinado tipo de masculinidade tóxica, nos tornamos vítimas.

Li que, tendo uma sobrinha, já sugeriu à sua irmã que ela aprendesse uma arte marcial. É uma preocupação a partir do que vai vendo com questões como a machoasfera e tudo aquilo que se verifica na sociedade?

Claro! Antigamente, os*bullies* estavam na escola e havia ali um período em que ser mais alto contava. Hoje já não estão só na escola, qualquer um de nós, quando os argumentos falham, pode ser vítima. Neste sentido, prefiro saber defender-me atacando e não meencolher quando os outros atacam. Nada de confusões: sem perder a essência, sou pacifista, a violência que pratico sobre outros faz-me mal, tenho a

sensibilidade de saber que a violência não me faz bem. Mas faz muito pior quando é contra mim ou contra os meus. Logo, se uma determinada característica física de ser capaz de me defender permite manter a discussão durante mais meia hora, então venha de lá essa capacidade física. E, neste universo da machosfera, não só as mulheres são vítimas, também nós, homens que não participamos dessa visão retrógrada, desinteressante, frágil, insegura de determinado tipo de masculinidade tóxica, nos tornamos vítimas. Fascina-me que tudo aquilo de que esta machosfera acusa e tudo aquilo com que goza é o que, de facto, ela própria é.

Falando da atualidade: quando olha para o país, com as manifestações e reivindicações na rua pelo direito à habitação e contra o aumento do custo de vida, sente-se solidário?

Sem dúvida. Parece-me, no mínimo, curioso quando ouço pessoas a dizer «estamos a discutir a habitação ou estamos a discutir a violência policial?»; «temos bandeiras da Palestina ou estamos a discutir a habitação?» Estamos a discutir tudo! Porque, se o mundo é global, se a aldeia é global, se sabemos um pouco de tudo o que está a acontecer em todo o lado, como é que conseguimos estar apenas a discutir a nossa habitação ignorando que existe um povo, o palestiniano, sob genocídio, com problemas profundamente complexos na gestão da sua possibilidade de viver em dignidade e em que a habitação também é um problema, só que exacerbado porque está tudo rebentado pelos opressores?

Esta hipercomunicação de que falávamos, esta hiperaldeia global e o facto de estarmos todos ligados, tem exercido um efeito cumulativo, entorpecedor e adormecedor. Mas também tem um efeito cumulativo de informação incontornável. E devemos ter a capacidade de efetivamente filtrar e determinar as questões factualmente, nesta complexa era da pós-verdade. Deixou de ser possível olharmos para as coisas separadamente, porque elas estão todas interligadas. Então, temos um planeta em ruptura, temos uma sociedade em profundo desequilíbrio, temos guerras espalhadas pelo mundo que já assumem a dimensão de genocídios para lá do conflito em si mesmo.

Temos a guerra à porta de casa e vivemos à espera de que alguém se envolva. Neste desequilíbrio económico, na Europa inteira, no mundo em geral, a questão da habitação neste momento é em tudo semelhante à nossa relação com o mundo natural. Temos o direito de viver no nosso planeta, queremos viver com dignidade, mas não estamos a conseguir. É como ter um telhado com várias colunas que estão todas podres em simultâneo. Será que esta é a geração que vive o momento mais complicado? É difícil dizer isso, porque na 2ª Guerra Mundial efetivamente tudo rebentava pela Europa fora. Agora, sem estarem literalmente a rebentar ao nosso lado, as coisas estão a rebentar porque tanta gente vive dificuldades e não vê soluções. Isso é profundamente desafiante, complexo e cria uma vontade transversal dos mais novos aos mais velhos, especialmente os menos privilegiados, com um grito de «Eh pá, basta!» Aquela ideia de que estamos a aproximar-nos de um momento qualquer de revolução é da natureza do desespero.

No meio disto tudo, estou sempre a ouvir aquela expressão do «teatro de guerra» e, como ator, considero muito curioso. Há uma sensação de que neste palco nada é estável. Talvez isso seja novo...

Estamos, então, numa espécie de paradoxo em que a única coisa estável é, afinal, a instabilidade?

Provavelmente.

> Durante largos anos, os que iam votar eram suficientes e os outros estavam adormecidos e foi isso que nos trouxe à situação atual. Agora, não só não estamos adormecidos como estamos organizados.

Nesse contexto de que fala, não olhando só para Portugal, mas dedicando um olhar mais atento à Europa e ao mundo, a ascensão da extrema-direita preocupa-o?

Claro! A sensação que eu tenho é que esteve sempre cá. Mas pensámos de um modo diferente, e mais uma vez contra mim falo, porque tenho 52 anos e atravessei esta democracia cheio de arrogância apolítica. Só acordei para a política talvez há 15 anos. Até essa altura havia uma espécie de arrogância e de convencimento de que estávamos tranquilos. Agora sinto é que damos respostas e estamos todos muito mais envolvidos na proteção da Democracia porque está a ser atacada. E isso vê-se nas votações que há muito tempo não tinham tanta gente a querer participar, faça chuva ou faça sol. Isto está a acontecer em Portugal, no Brasil, na América, um pouco por todo o lado. As pessoas estão a sentir que, se não forem votar, a Democracia não é garantida. Durante largos anos, os que iam votar eram suficientes e os outros estavam adormecidos e foi isso que nos trouxe à situação atual. Agora, não só não estamos adormecidos como estamos organizados.

E o Brasil, para si, é claramente um sinal de esperança e de confiança na democracia?

O Brasil é um sinal de que, de repente, a esquerda percebeu a forma de trabalhar o digital. Ou seja, em todas estas votações que têm acontecido ultimamente eu fico: «Mas como é que isto é possível?! Como é que a Inglaterra caiu no Brexit? Como é que o Brasil estava a 52/48? Como é que a América estava a 51/49? Como é que Portugal está em 47/46? O que está a acontecer?! E esta votação do Brasil foi, claramente, pela sua excecionalidade na 2ª volta, uma apropriação de que, de repente, vamos lá usar o algoritmo a nosso favor. Qual é que foi a regra? Ninguém abre coisíssima nenhuma da extrema-direita e da direita. Toda a gente reposta só a esquerda.

E, então, que excitação, a esquerda vai mesmo ganhar, ali resvés Campo de Ourique, mas apesar de tudo foram dez milhões. No entanto, isto não me diz grande coisa, no sentido em que qualquer um de nós devia poder abrir o que quisesse, olhar para a esquerda e para a direita e dizer: «Não, vocês são bandidos, não estou de acordo com vocês, vão-se lixar!» Para mim é claro: o algoritmo deve ser regulamentado. Estamos a viver sem regras quanto a algo para o qual olhamos todos, todos os dias, pelo menos 8 horas por dia estamos a olhar para esta merda! E isto tem de ser regulamentado, nem que seja

da maneira que era a bolinha vermelha no canto superior direito na televisão de antigamente. Porque, de repente, esta confusão entre a realidade e a ficção é tão elevada que precisamos de alguma coisa a indicar que «isto é ficção; isto é mentira; isto é opinião; isto não é verdade; isto não é factual».

> O algoritmo deve ser regulamentado. Estamos a viver sem regras quanto a algo para o qual olhamos todos, todos os dias, pelo menos 8 horas por dia estamos a olhar para esta merda! E isto tem de ser regulamentado, nem que seja da maneira que era a bolinha vermelha no canto superior direito na televisão de antigamente.

Também considera preocupante que a mesma pessoa esteja constantemente a ser entrevistada pelos canais de televisão? A Comunicação Social é conivente com esta ascensão da extrema-direita?

Mais do que isso: nós somos coniventes com a Comunicação Social, o ser humano gosta de sangue, portanto, nós somos atraídos pelo acidente na autoestrada, portanto, o algoritmo e a Comunicação Social são espelhos de nós próprios. Eu sei que, se passar pela televisão, há duas coisas que me interessam: silêncio ou ruído. O meio não interessa. Os debates são altamente polarizados, perto da lógica do *reality show*, para que dali venha a sair faísca. E nós queremos ver isso. Não sei responder, e penso que a democracia não sabe responder, mas preocupa-me a degradação do discurso, a degradação da forma como tratamos as ideias dos outros, o modo como, de repente, o ataque pessoal faz parte de uma linguagem que colocaríamos algures entre a 4.ª classe e o 7.º ano ou a partir das 4 da manhã, bem regados a álcool. Quando o panorama do discurso é este, e isso está a normalizar, tenho dificuldade em encontrar pessoas com o tom certo de responder a determinada forma de falar...

Ainda assim, há exemplos que considere interessantes?

Quem é que me tem interessado pela forma como está à altura? O James Talarico [candidato democrata, eleito senador pelo Texas]; mas também o Abdul El-Sayed [candidato democrata, eleito senador pelo Michigan] - é tão interessante ouvi-lo falar, porque ele consegue, de uma forma dura, muito assertiva, não deixar o tom subir. E trava-os porque é muito inteligente, trava-os porque tem uma dureza que me parece certa, porque os obriga a dizer o nome. Isto é muito interessante,sempre que é interpelado por pessoas da plateia, pergunta logo: «Como é que te chamas?» E isso permite a verificação, mais tarde, se aquela pessoa não é apenas um agente infiltrado do lado oposto só para criar ali vídeos e colocar na Internet. Não se desorienta e só ele sabe como tem sido difícil, é quase estar sentado em cima das mãos. Além disso, corresponde fisicamente a uma certa imponência, o que voltou a ter valor, sobretudo para intimidar esse imaginário ideológicode uma direita em que a hiper-masculinidade é algo muito importante - no fundo, quando acabar de ter capacidade de defender uma ideia, partir-se para a porrada e o mais forte vencerá. Noutro sentido, não tendo essas características, Mamdani é outro bom exemplo.

Pode soar estranho, mas tenho menor ligação política a Portugal do que à América eestou a trabalhar isso um bocadinho. Às vezes interrogo-me e repenso a minha relação com as redes sociais e o que significa postar e repostar coisas que vejo de uma nação longínqua. A verdade é que lá encontro estes políticos que têm demonstrado não só inteligência e capacidade de articulação de raciocínio muito grande, mas que traçam linhas muito claras cuja síntese é: «Eu não papo isto.» Infelizmente, em Portugal e na Europa é a extrema-direita que está a fazer esse papel...

Mas de um modo insultuoso...

Sim, com um discurso muito pobre, vazio, a falar muito alto e de modo ofensivo, mas a despertar atenções. Estou com muita necessidade de encontrar líderes que, voltando às traves-mestras, digam claramente e sem compromisso aquilo a que vêm. Não espero uma solução, porque a solução não é evidente para todos, mas que sejam claros.

> Penso que a democracia não sabe responder, mas preocupa-me a degradação do discurso, a degradação da forma como tratamos as ideias dos outros, o modo como, de repente, o ataque pessoal faz parte de uma linguagem que colocaríamos algures entre a 4.ª classe e o 7.º ano ou a partir das 4 da manhã, bem regados a álcool.

Quando fala dos Estados Unidos - ainda por cima tendo conhecimento próximo, os seus pais doutoraram-se lá e viveu lá com eles, trabalhou lá, estudou no Instituto Lee Strasberg -, a comparação da situação do país desses tempos com a atual não o leva a pensar como foi possível chegarmos aqui?

Penso que, se calhar, já lá estávamos há mais tempo. A capacidade humana de contar histórias e de dizermos o que somos é do âmbito da narrativa e da percepção. E a América há 100 anos que desenvolve o seu cinema, um cinema profundamente propagandístico, mas também profundamente autocrítico. E por isso nos apaixonámos por esta América. Eu apaixonei-me perdidamente pelo seu cinema, pela sua arte, pelos seus contrastes, por esta ideia épica de que parecia que, mesmo com enormes falhas, o objetivo era sempre nobre. Mas o único facto é que é um império, um império que dominou e que controlou tudo e que há muito tempo não é bem uma democracia. As coisas vão passando de uma família política para outra. O modo como o Partido Democrata, de uma forma autofágica, ataca a sua esquerda, fazendo-a parecer extremada, é um erro tremendo. No nosso universo, aquela esquerda é muito mais centro...

Mais próxima do PS português...

Sim. Aliás, em certa medida, atédiria mais à direita do PS. O próprio Bernie [Sanders], que é sem dúvida alguém muito mais à esquerda, de repente é rotulado como se fosse algo de inexplicável. É inexplicável para uma determinada mitologia americana, muito ligada à ideia de que «vamos conseguir com o nosso

mérito». Mas, nos últimos cinco anos, isso foi clarificado: a meritocracia não existe. Agora, vejo um enorme lado desta América também a acordar, embora as regras estejam minadas e não sei como é que conseguimos reequilibrar isto. Claro que falo de um ângulo de esquerda, humanista, sabendo que o ideal é haver uma rede social, um denominador mínimo que não deixe ninguém permanecer caído. Mas, quando o algoritmo vence no seu lado mais extremista; quando, de repente, há partidos a ser apoiados por milionários com valores que nem compreendemos; quando igrejas não pagam impostos; quando a Europa começa acopiar todos estes movimentos, parece-me que são péssimos sinais. Lembro-me quando a política em Portugal era chata, tinha comícios que faziam adormecer qualquer pessoa e já a América fazia comícios que eram verdadeiros espectáculos. O nosso Super Bock, Super Rock, é uma visão fraca de um comício americano.

Revi há pouco tempo partes do famoso debate entre Álvaro Cunhal e Mário Soares - aquele debate durou mais de 3 horas! Era chato, no sentido de ser cansativo, difícil, às vezes não se percebia, outras vezes era maçudo porque técnico, a linguagem era difícil, as ideias nem sempre eram claras, mas era muito diferente desta ideia moderna de «fazer conteúdo».

> O modo como o Partido Democrata, de uma forma autofágica, ataca a sua esquerda, fazendo-a parecer extremada, é um erro tremendo.

Está otimista quanto a uma mudança de atitude e de política face aos palestinianos em Israel?

Não, de forma alguma. E estamos todos enredados nisso - para dar um exemplo concreto e banal: o meu Waze é israelita e não o tiro, dá-me tanto jeito...

Não estamos à altura nem sequer numa tragédia com as dimensões que são noticiadas?

Não, não estamos, nem estaremos. Podemos fantasiar que, nos próximos 20 anos, se houver eleições democráticas na América daqui a dois, se os novos políticos, claramente anti-genocídio, anti-apoio a uma carta branca a Israel conseguirem fazer alguma coisa...

Mas o que restará para salvar da Palestina?

Pois, é isso mesmo. Volto ao Abdul El-Sayed, que foi questionado sobre isso durante a campanha por alguém numa plateia e travou um diálogo interessante. Perguntaram-lhe: «Então, o que acha? Podíamos organizar esta questão palestiniana?» E ele: «Mas em que condições? Com estas fronteiras, assim como está, a Cisjordânia e a faixa de Gaza?» E o outro: «Então, sempre é melhor que nada, não?» E o El-Sayed: «Ah, pois, realmenteé melhor que nada.» Mas o El-Sayed também dizia uma outra frase sobre o assunto: «Está bem, nós já comemos: e agora o que é que sobra?» O problema é que o mundo está envolvido nesta decisão de inventar aquilo [Israel]ali no meio, metemos os pés pelas mãos com uma visão colonialista europeia, cheios de culpa depois do genocídio da 2.ª Guerra Mundial, e temos permitido tudo

aquilo que tem acontecido ali ao longo de décadas. E continuamos a discutir sobreo perdão e as reparações económicas aos países colonizados... É evidente que, se fosse entre duas pessoas, tinha de se pedir desculpa e passar um cheque.

De regresso ao seu trabalho: estudou no Instituto Lee Strasberg. Considera-se um ator do Método, tal como nomes grandes do Cinema norte-americano - Marlon Brando, Robert Duvall, De Niro, Pacino, entre muitos outros?

Foi essa a técnica que estudei no Lee Strasberg Institute, que é um dos precursores dela. Mas o que acontece é que essa técnica foi romantizada até à 25.ª casa, embora a proposta inicial seja distante daquela que é muitas vezes interpretada. Basicamente, sem querer ser muito tecnicista, a base do Método é o desenvolvimento através da imaginação e das experiências sensoriais de acreditar nas circunstâncias imaginadas, ou seja, eu tenho uma série de técnicas a que recorro através da reconstrução sensorial de memórias do meu corpo, e que não tem a ver com a memória do meu cão que foi atropelado, não é isso, isso é apenas uma ínfima parte.

Por exemplo, no filme *Requiem for a Dream*, a atriz Ellen Burstyn protagoniza cenas absolutamente extraordinárias de dor, de alucinação pormedicação errada, e é talvez um dos expoentes mais bem conseguidos dessa técnica. É interessantíssimo ouvi-la falar, vemo-la e projetamos nela tudo aquiloque conhecemos sobre dor, se é que conhecemos aquele nível de dor... E ela diz: «Estive a trabalhar em coisas muito específicas que me ajudam a ir contra aquela dor, aquela dor não é a minha dor, é uma soma de estímulos ao meu corpo que me levam para aquele sítio. Mas não tenho de estar naquele sítio todas as noites e ao longo de 24 horas.»

O que me parece essencial, seja em que método ou em que técnica for, e aí não é fácil, é cada um de nós encontrar aquilo que lhe serve, em última análise, para contarmos aquela história. É preciso ter um respeito grande uns pelos outros, pelas formas de trabalhar de cada um. Em Portugal, parece-me que ainda estamos numa coisa às vezes um bocadinho neutra, em que todoscontrolamos um pouco as nossas necessidades com medo de sermos mal interpretados, de parecermos malucos ou desrespeitadores. Porque há uma subjetividade e alguma abstração neste trabalho em que as coisas não são facilmente comprováveis, os resultadosnão são completamente comprováveis, é preciso um trabalho coletivo e uma sensibilidade coletiva capaz de criar condições para os atores, e artistas em geral, experimentarem em prol da história e não do seu ego.

Para quem acumula trabalhos marcantes em dezenas de filmes, dezenas de peças de teatro, dezenas de experiências nos diversos meios, o maior desafio é como chegar ao público com as suas mensagens artísticas ou está para lá disso?

Tento contribuir para que a história seja contada, seja ela qual for. É esse o meu trabalho, sou uma ferramenta, entre várias, para contar aquela história. Do ponto de vista da mensagem, não tenho

nenhuma. Obviamente, é maravilhoso quando o público reage não só individualmente, mas também em alguma quantidade.

Na minha geração, ainda me lembro de ver teatros pouco cheios, mas, por volta dos meus 30 anos, comecei a perceber que as salas foram enchendo. E hoje temos um universo muito mais saudável, embora mais localizado nos grandes centros, com teatro comercial e mais erudito, e com público para tudo isso. No cinema, continuamos essa luta de encontrar novos públicos. Há fogachos por aí, com o encontro entre público e obra, mas ainda não conseguimos dar esse salto. Não temos indústria e, por isso, temos poucos elementos individuais com algum *star power* que permitam atrair e até condicionar, de forma positiva, alguns trabalhos. Existe ainda uma espécie de inconsequência entre o que se faz e o que não se fez. Ter um ou mais do que um *flop* de bilheteira para um protagonista da indústria americana pode ser mortal na sua carreira; aqui nem carreira há quanto mais mortal. E também o contrário acontece: ter um sucesso também não é transformador.

A propósito de bilheteira, sucesso ou insucesso: Todas as Coisas Extraordinárias, com aquele texto magnífico do Duncan MacMillan, foi, visto de fora, muito gratificante para si e, ao mesmo tempo, de uma exigência incrível. É uma experiência que vai guardar para sempre?

Claro! Pelo material, pela época que atravessámos com a Covid e pela longevidade. Foram cinco anos, 270 espectáculos, *on* e *off*, nunca pensei que alguma vez fizesse tanto tempo um espectáculo. A Covid foi um momento que também nos despiu muito a todos e que fez com que aquele material se tornasse fulcral naquele instante. Todos percebemos a nossa fragilidade, portanto, houve uma série de sessões e foi por isso que fomos continuando. Sentimos que se tinham cruzado várias coisas: um texto incrível, um momento histórico, uma temática essencial de ser falada, muito mais próxima de nós todos do que queríamos admitir ou aceitar. E tudo isso somado levou a um sucesso que foi muito gratificante.

Foto de capa: Vitorino Coragem
